

## LEIA INOVAÇÃO: a relação entre imprensa e comportamento social na cidade de Parnaíba-PI no final dos anos 1970

READ INOVAÇÃO: the relationship between press and social behavior in the city of Parnaíba-PI in the late 1970s

Sérgio Luiz da Silva Mendes\*

<https://orcid.org/0000-0002-1844-2187>

Cláudia Cristina da Silva Fontineles\*\*

<https://orcid.org/0000-0001-5398-0354>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar como o jornal *Inovação*, a partir da sua escrita, produziu o que denominamos de “jornalismo de prescrição comportamental”. O periódico, mimeografado, emergiu na cidade de Parnaíba-PI em dezembro de 1977 e circulou ininterruptamente até o ano de 1988. O conceito de “jornalismo de prescrição comportamental” foi gestado dentro e a partir da perspectiva da História Social da Mídia, a qual toma a imprensa como objeto de estudo e não apenas como fonte para a produção do conhecimento historiográfico. Como objetivos específicos, analisamos artigos e matérias das suas primeiras edições, que versavam sobre o comportamento da sociedade parnaibana, notadamente as publicadas nos anos de 1977 e 1978. Portanto, ao passo que o *Inovação* assume aqui a qualidade de objeto de estudo, também se torna fonte de artefatos materiais, para compor o corpus documental, visando entender como os vestígios encontrados sobre esse periódico permitem entender muitos elementos do passado da sociedade parnaibana no referido período histórico. Para a discussão teórica, autores como Certeau (2008) e seu conceito de Economia Escriturística, Mendonça & Fontes (2006) e suas críticas ao “Milagre Econômico”, Fico (2019) e seus estudos acerca da Ditadura Militar, dentre outros, foram fundamentais para a compreensão e análise, à luz de suas teorias, do nosso objeto de estudo. Os resultados obtidos nesta pesquisa apontaram para uma prática escriturística, inscrita nas matérias, artigos e editoriais deste periódico, que tinham como

---

\* Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Professor Assistente do curso de História da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [profsergio@frn.uespi.br](mailto:profsergio@frn.uespi.br)

\*\* Doutora em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do curso de História e da Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. E-mail: [cfontinelles@gmail.com](mailto:cfontinelles@gmail.com)

intenção ditar aos seus leitores formas de pensar, sentir e agir, as quais denominamos de “jornalismo de prescrição comportamental”.

**Palavras-chave:** História. Imprensa. Jornalismo de prescrição comportamental. Parnaíba-Piauí.

### Abstract

The present article has as main objective to present as the journal *Inovação*, a mimeographed journal that emerged in the city of Parnaíba-PI in December 1977 and circulated uninterruptedly until 1988, from its writing, produced what we call “journalism of behavioral prescription”. This concept was conceived within and from the perspective of the Social History of the Media, which takes the press as an object of study and not only as a source for the production of historiographic knowledge. As specific objectives, we analyzed articles and articles from its first editions, which dealt with the behavior of the Parnaibana society, especially those published in 1977 and 1978. Therefore, while the Innovation assumes here the quality of object of study, we also use its material artifacts, to compose the corpus documental, aiming to understand how the traces found on this journal allow to understand many elements of the past of the Parnaibana society in the said historical period. For the theoretical discussion, authors such as Certeau (2008) and his concept of Scriptural Economics, Mendonça & Fontes (2006) and his criticisms of the “Economic Miracle”, Fico (2019) and his studies on the Military Dictatorship, among others, were fundamental to help us understand and analyze, in light of their theories, our object of study. The results obtained in this research pointed to a scriptural practice, inscribed in the articles, articles and editorials of this journal, which were intended to dictate to its readers ways of thinking, feeling and acting, which we call “journalism of behavioral prescription”.

**Keywords:** History. Press. Journalism of behavioral prescription. Parnaíba-Piauí.

*“E aconteceu mesmo?! Meus amigos! A ‘sacanagem’ foi geral. Cheirou o jovem e a jovem saiu cheirada, como saiu?!”<sup>1</sup>*

O texto integra a capa da 4ª edição do jornal *Inovação*, periódico que emergiu na cidade de Parnaíba, litoral do estado do Piauí, no final da década de 1970, durante a vigência da ditadura militar implantada no Brasil. O texto, escrito em tom jocoso, irônico e satírico tem a intenção de atingir a juventude parnaibana - público ao qual este produto midiático se dirigia.

<sup>1</sup> IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978, p. 01.

Inicialmente, é importante apresentar alguns pontos de reflexão. Primeiro, no final da década de 1970, a cidade de Parnaíba e o estado do Piauí – assim como ocorria no cenário nacional – vivia o que ficou conhecido na literatura especializada da história como o período de “uma transição lenta, gradual e segura.”<sup>2</sup> Os governos militares, sob a presidência do general Ernesto Geisel (1974-1979), começaram a enfrentar tensões e pressões em diferentes setores sociais que contestavam as arbitrariedades do governo autoritário em vigência no Brasil. O que contribuiu para a distensão política que culminaria, poucos anos depois, no processo de redemocratização do Brasil. Assim, o final da década de 1970 apresentou-se como muito mais alvissareiro para a abertura democrática se comparado com o início daquela década, denominada como “anos de chumbo”.<sup>3</sup>

No segundo ponto, houve, então, o desgaste dos governos militares em relação às questões econômicas com o fim do chamado “milagre econômico”<sup>4</sup> e com os efeitos danosos que a sociedade passara com a repressão e violência praticada pelo Estado sob a égide do Ato Institucional número 5, o famoso “AI-5”.

Por conta desse período, em que as formas de arbítrio começavam a perder força, começaram a emergir no país formas de contestação ao regime militar, tais como o Movimento contra a carestia, Movimento popular e a greve do ABC paulista; além dos já tradicionais movimentos contestatórios, protagonizados pela Ordem dos Advogados (OAB), a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Confederação dos Bispos do Brasil (CNBB), dentre outros.

Nesse processo de contestação é importante destacar o papel da chamada “Imprensa Alternativa” que, segundo o historiador Bernardo Kucinski (2003), passou a se apresentar como uma das forças que lutaram contra a ditadura e se proliferaram por quase todo território nacional.

O terceiro e último ponto a elencar é que, em Parnaíba, no final dos anos de 1970, tínhamos à frente do governo municipal um prefeito eleito

<sup>2</sup> RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In.: REIS, Daniel A. (et all). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 38.

<sup>3</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão Reis Filho. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

<sup>4</sup> Discordamos de que tenha havido “milagre econômico” no Brasil neste período, haja vista a forte concentração de renda, o agravamento das desigualdades sociais no país, que agravaram os problemas sociais enfrentados pela população brasileira, que redundaram em violências em diferentes setores da vida social brasileira, em especial com forte êxodo rural e “inchaço urbano”, além das diferentes formas de supressão de direitos civis, políticos e sociais, que comprometeram o desenvolvimento da cidadania. In.: MENDONÇA, Sonia R. de.; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil recente - 1964 - 1992*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006.

pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Tratava-se do político João Batista Ferreira da Silva,<sup>5</sup> o que por si só já era um indicativo de que as forças oficialmente aliadas do governo dos generais não gozavam de total prestígio na região litorânea desse estado nordestino, uma vez que o MDB era tido como o partido de oposição aos militares. Assim, é possível inferir que a sociedade parnaibana optara por eleger o prefeito de um partido que representava a resistência naquela configuração histórica, quem sabe tentando vislumbrar um horizonte de expectativa<sup>6</sup> que levasse ao fim do regime militar.

Essas questões contribuíram para que os jovens parnaibanos criassem um jornal mimeografado para inserir nele suas maneiras de manifestar seu pensamento, seus sentimentos e projetassem formas de interagir e de agir diante do cenário vivido. A questão comportamental ganha mais força dentro do jornal *Inovação*, pois constantemente era inserida nas páginas deste periódico, seja em formato de artigos, seja em colunas ou até mesmo em palavras escritas em letras garrafais no final das páginas, o que iremos chamar aqui de “jornalismo de prescrição comportamental”.

Para compreendermos melhor o que entendemos e denominamos, como “jornalismo de prescrição comportamental”, recorreremos às discussões de Michel de Certeau (2008) e seu conceito de “Economia escriturística”. Conceito mais do que fundamental para percebermos como esse pensador enxergava o papel das diversas instituições que passaram a ditar, na Modernidade, maneiras de pensar, sentir e agir. Dentre elas, podemos destacar o papel da Mídia Impressa, mais notadamente o jornalismo.

<sup>5</sup> João Batista Ferreira da Silva foi morar em Parnaíba em agosto de 1939. Foi portador de curso médio completo, diplomado Técnico em Contabilidade. Brevetado Piloto Privado em 1961, Diretor Secretário do Aero Clube de Parnaíba (1959-1960), fundador do jornal Folha do Litoral (11/05/1960), e seu diretor até o ano de 1970. Fiscal de Previdência (INPS) a partir de 01/06/1952. Chefe da Fiscalização do INPS no Piauí (junho/1975 a agosto/1976) Sócio Fundador da Associação Parnaíba de Letras (1954), fundador e presidente da Liga Parnaibana de Futebol Suburbano (1951-1954), Vereador Municipal em Parnaíba (1962-1966), Vice-Presidente da Câmara Municipal de Parnaíba (1965-1966), 1º Suplente de Deputado Estadual (1966) e Deputado convocado em 1968, 2º Suplente de Deputado da Comissão Executiva Estadual do MDB (1968-1970), jornalista profissional em Parnaíba e Teresina (1958-1976), Membro da Comissão de Defesa da Integralidade Territorial de Parnaíba (1963), Membro do Conselho de Representantes da Associação Nacional de Fiscais e Inspetor de Previdência (1974-1976). Informações retiradas do Jornal: *FOLHA DO LITORAL*, Ano XVII, nº 1409, 28 ago., 1976, p. 06.

<sup>6</sup> Reinhart Koselleck trabalha o tempo a partir da perspectiva dos conceitos de “Espaço de Experiência” e “Horizonte de Expectativas”. Aqui, acreditamos que o Espaço de Experiência vivido no final dos anos 1970 acabara por criar a ideia de que num futuro próximo teríamos como Horizonte de Expectativa a redemocratização do país. Cf.: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC Rio, 2006.

Para Certeau, a “economia escriturística” seria “[...] a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado.”<sup>7</sup> Ainda segundo Certeau, “[...] o jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como “sentido” remeter à realidade de que se distinguuiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social.”<sup>8</sup> Dessa forma, defendemos haver dentro do jornal *Inovação* uma escrita bem articulada nos seus editoriais, artigos e demais textos que, além de pretenderem ter poder sobre os que o leem, buscava ditar o que a juventude deveria ouvir, ler, assistir e, conseqüentemente, como deveria também se comportar. Neste sentido, o que denominamos aqui de “jornalismo de prescrição comportamental” era a prática escriturística, inscrita nas páginas do jornal *Inovação*, seja na forma de artigo, editorial ou matérias, realizada por seus articulistas, os quais tinham como objetivo final ditar maneiras de pensar, sentir e agir no seu público leitor.

Em dezembro de 1977, chegava às mãos dos parnaibanos um jornal produzido de forma artesanal, em formato tabloide, mimeografado, de diagramação simples, mas com um conteúdo que prometia, no mínimo, ser provocador: o jornal *Inovação*. Este jornal foi idealizado e produzido por dois jovens parnaibanos: Francisco José Ribeiro<sup>9</sup> e Reginaldo Ferreira da Costa.<sup>10</sup> Ambos tinham, a princípio, a ideia de formar uma Ala Jovem do MDB,<sup>11</sup> mas, por não conseguirem, acabaram direcionando suas energias para a criação de um produto midiático: um jornal imprenso.

Parnaíba, como já mencionado anteriormente, no final dos anos 1970, era administrada por um prefeito eleito pelo Movimento Democrático Brasileiro, João Batista Ferreira da Silva. Por essa razão, Francisco Ribeiro e

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p. 225.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 226.

<sup>9</sup> Nascido em Parnaíba - PI, Francisco José Ribeiro, mais conhecido como “Franzé”, foi junto com Reginaldo Ferreira da Costa, idealizador e fundador do Jornal *Inovação* em Parnaíba. Foi funcionário da prefeitura da cidade, ocupando o cargo de chefeia da sessão de Cadastro Rural, quando fora nomeado para tal pelo prefeito da cidade Elias Ximenes do Prado, o qual administrou Parnaíba durante os anos de 1973 a 1977. Foi exonerado do cargo durante a administração do Prefeito Batista Silva (1977-1982).

<sup>10</sup> Foi um dos idealizadores e produtores do Jornal *Inovação*. Nasceu em Parnaíba - PI, em 29 de setembro de 1955, trabalhou como jornalista, cronista e professor da rede estadual de ensino. Além disso, foi militante político e simpatizante das ideias do MDB parnaibano.

<sup>11</sup> Nesta primeira edição, na capa, o artigo intitulado “INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB”, apresenta as intenções iniciais dos fundadores do *Inovação*. A ideia era, primeiro, criar uma Ala Jovem ligada ao MDB, na impossibilidade da concretização deste desejo, surgiu o jornal *Inovação*. Para maiores informações, ver: INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 01.

Reginaldo Costa, acreditavam que o cenário era favorável para a criação da Ala Jovem do MDB. O que propiciou a realização de um encontro com o próprio prefeito da cidade e com lideranças locais a fim de conseguirem apoio para a criação da Ala Jovem.

Porém, segundo Francisco José Ribeiro:

A ideia começou com o partido, era para fundar o partido MDB Jovem, mas aí o Batista Silva, que era o prefeito da época, *tinha muito medo ainda da repressão da ditadura*, aí disse que era pra gente criar uma associação, porque era um monte de jovem, que tinha que fazer piquenique, fazer esses negócios. Mas aí, *naquele tempo, ninguém tinha condições de bancar, de fundar um partido, aí tivemos que ficar, de acatar a ideia dele por um tempo.*<sup>12</sup>

O impedimento, portanto, da criação da Ala Jovem do MDB se deu, segundo Francisco Ribeiro, sobretudo por dois fatores: a falta de apoio das lideranças políticas ligadas ao MDB de Parnaíba e a falta de dinheiro para fundarem o partido. É salutar lembrar que no período aqui abordado, final dos anos 1970, tanto a capital quanto o governo do estado eram administrados por políticos arenistas, Raimundo Wall Ferraz, prefeito de Teresina (1975-1979) e Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978) e Djalma Martins Veloso (1978-1979) governadores do Piauí. Portanto, o receio do prefeito de Parnaíba, não era infundado, tendo em vista os principais cargos administrativos estarem sob a égide dos políticos da Arena. Assim, a ideia do partido foi colocada de lado e o *Inovação* ganhava vida.

As dez páginas que totalizavam sua primeira edição estavam “recheadas” de artigos escritos por colaboradores e colaboradoras. Aqui um ponto a ser destacado: desde sua primeira edição havia a presença feminina, que assumia protagonismo junto às figuras masculinas. Pode parecer, para muitos, um detalhe banal, mas pensar no espaço dado às mulheres no período, dentro da imprensa parnaibana e por que não dizer também nacional, é certamente um diferencial bastante significativo.

As mulheres assinavam artigos e poesias que tinham forte papel dentro das páginas do *Inovação*, isso pode ser constatado inclusive na primeira edição quando a colaboradora Ângela M<sup>a</sup> B. Lira<sup>13</sup> escreve o artigo de opinião

<sup>12</sup>RIBEIRO, Francisco José. Depoimento gentilmente concedido ao pesquisador Sérgio Luiz da Silva Mendes em 12 de julho de 2011. (Grifo nosso)

<sup>13</sup>Foi colaboradora do jornal *Inovação* em várias edições, escrevia artigos de opinião. Nesta primeira edição escreveu o artigo “Educação Colegial”(p. 10).

intitulado “EDUCAÇÃO COLEGIAL”,<sup>14</sup> tema muito caro aos jornalistas deste periódico e que virou assunto recorrente nas edições seguintes.

O *Inovação* assumia desde o início um perfil político, haja vista ser nítido em suas páginas o peso e o destaque dado às questões políticas de cunho local, regional, nacional e até internacional. Isso fica evidenciado pelo interesse dos fundadores em explicitarem, em várias edições, a necessidade e urgência em se tornar efetiva a ideia da construção de um partido formado por jovens, ligado ao partido de oposição ao regime militar.

Com isso, pretendiam “forjar” uma juventude parnaibana que tivesse interesse em discutir e protagonizar mudanças em nível social, cultural e político, tendo como norte as ideias defendidas pelo MDB. É o que podemos afirmar com base em artigos veiculados, com certa recorrência, como no artigo de capa da primeira edição, intitulado “Inovação e a Ala Jovem do MDB”:

A juventude de Parnaíba, carente de meios culturais, necessita de um aprimoramento e maior interesse, como também apoio, pela cultura de modo geral.

Nossa sociedade transforma-se, às vistas de todos, numa sociedade curtidora de boites (sic), restaurantes, bares de esquina e bate-papo não cultural, desprezível.

Apoiados pelo MDB, uma ALA JOVEM para o Partido é a opinião do pessoal que faz o INOVAÇÃO e que, juntos, realizamos mais, pela cultura parnaibana.<sup>15</sup>

Aqui, as letras garrafais são utilizadas como uma estratégia de leitura que busca direcionar o olhar do leitor; e mais do que isso, procura fixar as palavras-chave do texto entre seus leitores. Assim, o texto de capa deixa evidente, aos que tiverem acesso à leitura da primeira edição do jornal, o desejo que seus criadores tinham da construção de uma ala, formada por jovens, ligada ao MDB. Nesse sentido, é importante observar o que escreveu um dos fundadores do *Inovação*, Francisco José Ribeiro, na página três desta primeira edição:

Sem uma visão política não podemos sentir de perto, as coisas que afligem a humanidade como: a carência de alimentos, a falta de cultura, moradia e outros fatores importantes para o homem, para nossa sobrevivência.

<sup>14</sup> EDUCAÇÃO COLEGIAL, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 10.

<sup>15</sup> INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB, *Inovação* (capa), 1ª ed., dez. de 1977. A redação dos textos foi mantida conforme as versões originais.

Nós jovens, providos de garra, inteligência e ideais devemos lutar pelos nossos direitos sem anarquia, mas com hombridade e deixando margens para os direitos do próximo.

Queremos um líder com ideias novas e verdadeiramente democráticas.

Esperamos sua colaboração, escrevendo e dando sua opinião para podemos nos entender melhor.

Não esqueçam queremos um jovem líder emedebista.<sup>16</sup>

Esse artigo, intitulado “Jovens Parnaibanos”, funcionou na primeira edição como uma espécie de editorial do jornal. Nele podemos observar a preocupação com as questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Mas deteremos nossa análise, num primeiro momento, no desejo que seus articulistas tinham de conseguir um líder que pudesse apresentar “ideias novas”. Na época, o Brasil atravessava uma crise econômica e a população sentia seus efeitos, pois os índices de inflação chegavam a níveis altíssimos, como podemos constatar em pesquisa realizada pelas historiadoras Sonia Regina de Mendonça e Virginia Maria Fontes. As autoras apresentaram uma série de dados sobre a crise econômica do país: os índices de salário mínimo, por exemplo, tiveram sua maior baixa no ano de 1974, equivalendo a 54% de seu valor real; em 1977, ano da publicação desta primeira edição do jornal *Inovação*, o valor real do salário mínimo chegava apenas a 59%.<sup>17</sup> Ainda sobre esta crise econômica e social:

Nos anos 70, os salários foram ainda mais aviltados, atingindo níveis baixíssimos. Sindicatos sob intervenção, prisões apinhadas, muitos exilados. As perseguições policiais não precisavam fundamentar-se em provas. O medo pairava no ar. Falar deste período implica lembrar a censura à imprensa.<sup>18</sup>

Esta afirmação relaciona-se ao segundo ponto de nossa análise: o desejo dos articulistas do *Inovação* em relação à mudança de regime político. Queriam um “líder com ideias novas”, mas sobretudo “democráticas”. Portanto, podemos imaginar que o desejo pela redemocratização do Brasil era uma ideia defendida pelo grupo *Inovação*, já que, com base nos estudos de Mendonça e Fontes (2006), percebemos o quanto a população brasileira sofria com a recessão econômica e repressão exercida pelo Estado. No Piauí, os efeitos

<sup>16</sup> JOVENS PARNAIBANOS, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03.

<sup>17</sup> Números extraídos do livro: MENDONÇA; FONTES, op. cit., p. 67.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 66.



desta crise também se faziam presentes, o que gerava um clima desejoso de mudanças no cenário político.

Ressaltamos também que no artigo inaugural o posicionamento político partidário é assumido por seus jornalistas naquele momento de bipartidarismo em que a conjuntura política brasileira estava imersa. É importante destacar que, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), o país viveu doze anos de bipartidarismo político. Ficaram marcantes na história da nossa nação os Atos Institucionais utilizados pelos governos militares como instrumentos de exercício de poder que incidiam de forma direta sobre a vida dos brasileiros. Um deles foi o Ato Institucional de número Dois (AI-2). Decretado no ano de 1965, durante o governo do general Humberto Castelo Branco, além de estabelecer o bipartidarismo:

O AI-2 pode ser visto como a passagem do governo que se considerava transitório para um regime autoritário mais estruturado. Em grande parte, representa o fim da lua de mel entre os militares no poder e os políticos conservadores que apoiaram o golpe, mas queriam manter seus interesses partidários e eleitorais intactos, [...]. Basicamente, reforçava os poderes do presidente da República, em matérias constitucionais, legislativas, orçamentárias. O ato ainda reforçava a abrangência e a competência da Justiça Militar na punição dos crimes considerados lesivos à segurança nacional. O presidente da República ainda poderia decretar Estado de Sítio por 180 dias, fechar o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras de Vereadores, intervir em estados, cassar deputados e suspender os direitos dos cidadãos por dez anos. Na prática, tratava-se de uma reforma constitucional imposta pelo Executivo federal. Se o golpe foi o batismo de fogo da ditadura, o AI-2 é a sua certidão de nascimento definitiva.<sup>19</sup>

Do AI-2 surgiram o partido dos militares, Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e o partido de oposição, Movimento Democrático Brasileiro (MDB). E entre os dois partidos existentes, os articulistas optaram pelo partido de oposição à ditadura. O que podemos observar logo na primeira edição do *Inovação*, tomando como base tanto o artigo “Inovação e a Ala Jovem do MDB” quanto o “Jovens Parnaibanos”. Francisco José Ribeiro expressou claramente: “Não esqueçam queremos um jovem líder emedebista”.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 78-79.

<sup>20</sup> JOVENS PARNAIBANOS, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03.

Dessa forma, em dezembro de 1977, o parnaibano via circular em sua cidade um jornal criado por jovens, em formato tabloide, mimeografado e de cunho político que se posicionava a favor do MDB. Mas para além dessas questões aqui apontadas, o que a emergência do *Inovação* tem a nos dizer é que ele foi um instrumento que denunciava o desejo de uma pequena parcela da juventude parnaibana em protagonizar mudanças na cidade de Parnaíba. E é justamente analisando as matérias imersas neste periódico, que chegamos à ideia inicial deste artigo: a de que o *Inovação* acabou por criar um “jornalismo de prescrição comportamental”.

É imperioso frisar que este conceito que acabamos de atribuir ao *Inovação* não tem a pretensão de significar a totalidade do que foi este periódico e muito menos esgotar a discussão conceitual acerca dele, mas antes perceber sua potencialidade histórica, tanto como fonte histórica quanto como objeto de estudo aos mais variados pesquisadores, investidos das mais diversificadas perspectivas teórico-metodológicas.

## **O *Inovação* e o jornalismo de prescrição comportamental**

Em fevereiro de 1978, a já aguardada 4ª edição do jornal *Inovação* começava a circular entre os leitores parnaibanos. Reginaldo Ferreira da Costa e Francisco José Ribeiro junto com estudantes, professores, poetas e uma variada gama de intelectuais (os quais contribuíam com o jornal, seja através da escrita de matérias, artigos, poesias, acrósticos, seja através de cartas) conseguiram levar “à praça” mais uma edição deste produto midiático e, a um preço menor!

Para se ter acesso a esse jornal, era só desembolsar dois Cruzeiros (CR\$ 2,00)<sup>21</sup> – moeda corrente do país naquele momento de crise econômica –, e pronto, a leitura do *Inovação* estaria à disposição. O *Inovação* tomava para si o dever de apresentar, à juventude da cidade e demais públicos leitores, informações acerca da política, da sociedade e da cultura local, estadual e nacional.

---

<sup>21</sup> Uma informação pertinente e que merece maior destaque numa pesquisa futura é que o *Inovação* começou a circular ao preço de CR\$ 3,00, e já na sua 4ª edição passou a ser vendido por um preço menor (CR\$ 2,00), isto pode suscitar uma série de questionamentos, tais como: a diminuição do preço do *Inovação*, já na sua 4ª edição, é um indicativo que suas primeiras edições deram conta de produzir uma receita que proporcionasse uma venda a preços mais baixos? O jornal conseguiu atingir uma margem de lucro mais do que desejada? Houve um maior número de assinantes? Haveria um patrocinador a partir da quarta edição que, de certa forma, favoreceu a vendagem das edições a preços menores? Se sim, quem seria este patrocinador, tinha intenções políticas? Haveria uma baixa procura de suas edições, diminuindo assim seu preço? Dentre outras tantas perguntas as quais poderiam elucidar questões referentes às formas de produção do jornal, que posteriormente evoluiu para o sistema *Offset* de impressão.

Mas para além das notícias sobre política, crise econômica, religião, poesia e demais assuntos estampados na capa, o que incitava atenção na primeira página dessa 4ª edição, era a chamada para a leitura da matéria intitulada “IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO”.<sup>22</sup> Aqui, a preocupação com a maneira como a juventude se comportava, mesmo que num evento conhecido pelo “excesso e extravagância” na forma de praticá-lo como é o carnaval, ganha a capa! Esta preocupação toma proporção ainda maior, posto que os praticantes do “excesso e extravagância” foram provenientes da “juventude da alta sociedade parnaibana”,<sup>23</sup> como assim os definiram na chamada da referida matéria.

E para reforçar a ideia de que este assunto ganhou bastante destaque nessa edição, é só observarmos como a matéria foi disposta na capa: no canto superior direito. Segundo a pesquisadora Sônia M. Carvalho, no artigo “Jornais impressos e História: contribuições para a crítica da fonte que nunca morre”,<sup>24</sup> devemos estar atentos à disposição com que são inseridas as matérias, ou seja, as matérias colocadas na capa, na parte superior ou em páginas ímpares ganham mais destaque do que aquelas colocadas em páginas pares, por exemplo. Neste caso, o editorial desta edição<sup>25</sup> reforçava a ideia de que a referida matéria estava justamente onde deveria estar, em lugar privilegiado, na primeira página, e na parte superior deste periódico, para que o campo visual do leitor(a) pudesse identificar, de imediato, esta notícia.

Na chamada para a leitura deste artigo, lemos:

No relato de A. Menezes, também, um dos mais recentes colaboradores do *Inovação* vocês lerão sobre o *comportamento social da juventude parnaibana*, isto é, da *juventude da alta sociedade de Parnaíba*.

‘...Comentando sobre o movimento carnavalesco nos clubes referiremo-nos ao do Igara Clube, conforme seu presidente seria ‘exclusivamente para os sócios’ ou para ‘pessoas convidadas pelos sócios’ e assim realmente aconteceu...’

<sup>22</sup> IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978.

<sup>23</sup> *Idem*, p. 01.

<sup>24</sup> CARVALHO, Sônia dos Santos. *Jornais impressos e História: contribuições para a crítica da fonte que nunca morre*. In.: NASCIMENTO, Francisco A. do.; SANTOS, Maria L.; MONTE, Regianny L. (org.). *Diluir Fronteiras*. Teresina: EDUFPI, 2001.

<sup>25</sup> O “Editorial”, inscrito na página 03, fala sobre a “mentalidade medieval” do parnaibano, ou seja, reforça a ideia de que a questão comportamental é assunto de ordem nesta 4ª edição.

E aconteceu mesmo?! Meus amigos! A ‘sacanagem’ foi geral. Cheirou o jovem e a jovem saiu cheirada, como saiu?! Leia na Página 2.<sup>26</sup>

O comportamento considerado inadequado, segundo o articulista A. Meneses, por parte da “juventude da alta sociedade” parnaibana, foi observado numa festa de carnaval promovida no Igara Clube.<sup>27</sup> Este clube, nos anos 1970, era um dos lugares ligados a alta classe média parnaibana, porquanto só tinham acesso ao mesmo aqueles que pagassem uma mensalidade na qualidade de sócios. Dessa forma, a maioria da população não tinha condições pecuniárias de assumir tal compromisso.

Estamos falando de um espaço que era praticado pela elite da cidade de Parnaíba, sendo considerado um símbolo ligado a uma classe que deveria, pelo seu *status*, dar exemplo de polidez comportamental. Era essa suposta relação, exigida pelos colaboradores do jornal, que deveria haver entre riqueza e civilidade. Relação existente no imaginário coletivo dentro de uma perspectiva do senso comum, porém denunciada na chamada para a leitura do artigo assinado por A. Meneses: “A ‘sacanagem’ foi geral. Cheirou o jovem e a jovem saiu cheirada, como saiu?!”<sup>28</sup>

Analisando a escrita efetiva da matéria, lemos:

[...] sobre o movimento carnavalesco nos clubes referiremo-nos (sic) ao do Igara Clube que conforme seu presidente seria ‘exclusivamente para os sócios’, ou para ‘pessoas convidadas pelos sócios’ e assim realmente aconteceu.

A nossa sociedade ali se fez presente. Foi justamente essa sociedade que procurou deturpar seu próprio carnaval.

O que vimos, digo vimos por que não só eu vi, mas uma infinidade de pessoas. Lá se sentia um irritante cheiro de éter nos deixando prestes a ficar asfisiados. A coisa era controlada mas mesmo assim, alguns tinham à mão, lenços ensopados, o qual cheiravam e passavam àqueles que também o queriam. Coisas feitas às vistas sem a mínima preocupação em esconder.

Acho que devemos fazer o que melhor nos convir; sendo que, você o faça sem prejudicar ao próximo e a sociedade... E foi justamente o que houve dentro do Igara Clube. O éter era cheirado

<sup>26</sup> IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978. (Grifo nosso)

<sup>27</sup> “O Igara Clube foi projetado pelo arquiteto Anísio Medeiros e está localizado na Rua Paraíba. Até os anos 1970, foi símbolo para parte da sociedade parnaibana.” Informações extraídas do site: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=449081&view=detalhes>, acessado em 24 de setembro de 2020.

<sup>28</sup> IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978.

declaradamente pelos [...]”<sup>29</sup> e mesmo pelos demais que presenciavam a anarquia.

O que me levou a escrever algo foi a conscientização da coisa em termos sociais. Se tal ocorrência tivesse sido registrada em um clube dos chamados ‘classe baixa’ diriam que ‘da plebe só podemos esperar daí para pior,’ mas em um clube em que houve inúmeras exigências tal fato nos deprime.<sup>30</sup>

A. Menezes não escondeu seu descontentamento em relação ao intenso uso de entorpecentes que presenciou numa festa destinada à “juventude da alta sociedade”<sup>31</sup> parnaibana. Este descontentamento se traduziu em palavras, tais como: “deturpar seu próprio carnaval”, “anarquia” e “nos deprime”.<sup>32</sup> Esse conjunto de palavras é inserido para significar o que foi este carnaval, e portanto, podemos fazer um exercício de interpretação numa outra perspectiva do que foi escrito nesta matéria, a qual seria a seguinte: se o que foi presenciado num ambiente de elite foi uma prática deturpada, anárquica e deprimente, o que se espera é que esta mesma prática não venha mais a acontecer, sobretudo se for num clube destinado à elite parnaibana.

Chegamos a esta conclusão, sobretudo ao analisarmos o último parágrafo em que o autor diz: “O que me levou a escrever algo foi a conscientização da coisa em termos sociais.”<sup>33</sup> Em outras palavras, o que lhe motivou a escrever foi que esta prática, considerada deturpada, avesso da civilidade, ataque aos “bons costumes”, foi vista num clube de privilegiados, economicamente falando. Porém, se fosse num clube de perfil popular, talvez o impacto fosse considerado menor pela projeção e estigma social que lhe era atribuído. Então, que a “juventude da alta sociedade” parnaibana desse o bom exemplo esperado, e não reproduzisse práticas que eram atribuídas apenas às camadas populares.

O editorial desta 4ª edição também tem como foco o “comportamento” da sociedade parnaibana. A forma como apresentam o comportamento, no mínimo, curiosa:

---

<sup>29</sup> Optamos por colocar o colchete com os três pontos por não conseguirmos identificar a palavra que foi escrita. O final da palavra é identificável e é “ciados”, pode ser que o autor tenha escrito “viciados” ou “associados”, na dúvida, o colchete será sempre a nossa opção.

<sup>30</sup> IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978, p. 02.

<sup>31</sup> Aqui, um detalhe importante, A. Menezes possivelmente fazia parte desta dita “juventude da alta sociedade” parnaibana, posto que estava presente e, nas palavras do próprio inovador, só tinham acesso a esta festa os sócios ou convidados dos sócios.

<sup>32</sup> IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978, p. 02.

<sup>33</sup> *Idem*, p. 02.

O parnaibano com sua mentalidade medieval de discriminação e criador de conceitos irrealis não sente a sua falta de cultura, de orientação, de visão geral das coisas.

As fofocas, as conversas nas calçadas após às dezoito horas são incompatíveis com às leis naturais que regem as pessoas. A hipocrisia (sic) sempre prevalece para aqueles em mentalidade formada.

A vida do vizinho interessa apenas a si, não ao público, aos de fora das situações pessoais de cada um.

Se fulano anda de Chevette, Corcel II, Caravan, Brasília ou Fiat é porque têve (sic) condições de tê-lo; não importa se no jantar apareça café com pão. Se cicrano possui casa moderna é porque na vida tem tudo. Aqueles que merecem com justiça e os que possuem por injustiça.

Mentalidade interiorana, de muitos desta Parnaíba que ousaram chamá-la 'Parnaibinha de Nossa Senhora das Graças' ou mesmo 'Parnaraiba' (sic).

Que o 'bom senso' seja considerado e o 'status quo' desprezado.<sup>34</sup>

Corroborando a visão de A. Menezes, o editorial desta edição acrescentou mais adjetivos para conceituarem o comportamento da sociedade parnaibana; saltam aos nossos olhos, por exemplo, as palavras “mentalidade medieval”, “falta de cultura”, “hipocrisia” e “mentalidade interiorana”. Todas elas com o objetivo de criar uma imagem de desqualificação do comportamento de parcela considerável dos habitantes da cidade.

Vender a imagem de que grande parte dos parnaibanos cultivavam vidas medíocres, de que perdiam horas jogando conversa fiada sobre a vida dos outros, de que a fofoca parecia ser um hábito, e de que faltava ao parnaibano, pelo menos na maioria deles, o “bom senso” para distinguir o comportamento certo do errado, era crucial para criarem a necessidade, nestes mesmos parnaibanos, de procurarem meios que pudessem pôr fim a este mal comportamento, e a sanidade destes problemas poderiam ser encontradas nas páginas do jornal *Inovação*. Dessa forma, tanto a denúncia do problema quanto a indicação da sua solução estariam à mão daqueles que adquirissem esta novidade midiática que acabara de ser produzida e veiculada na cidade de Parnaíba no final dos anos 1970.

Escrever sobre o “mal” comportamento da juventude ou mesmo da sociedade parnaibana não foi uma novidade em se tratando do *Inovação*, uma

<sup>34</sup> EDITORIAL, *Inovação*, 4ª ed., fev. de 1978, p. 03.

vez que já na sua primeira edição, também como matéria de capa, líamos a seguinte chamada: “INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB”.<sup>35</sup> Esta matéria, carro-chefe do *Inovação*, tem, a princípio, como objetivo expor o desejo dos articulistas em se construir um partido composto por jovens e que fosse ligado ao MDB:

A juventude de Parnaíba, carente de meios culturais, necessita de um aprimoramento e maior interesse, como também apoio, pela cultura de modo geral.

Nossa sociedade transforma-se, às vistas de todos, numa sociedade curtidora de boites (sic), restaurantes, bares de esquina e bate-papo não cultural, desprezível.

Apoiados pelo MDB, uma ALA JOVEM para o Partido é a opinião do pessoal que faz o INOVAÇÃO e que, juntos, realizamos mais, pela cultura parnaibana.<sup>36</sup>

A repetição desta citação é proposital, pois aqui o objetivo é convidar o leitor a ler de forma diferente ao que já foi posto anteriormente, para isso, é necessário um deslocamento de olhar e uma leitura com nova perspectiva. A partir deste exercício de exegese nasce uma nova análise, uma outra forma de compreender esse texto, a qual se traduz na seguinte afirmação: o pano de fundo, a real necessidade da criação de um partido é para orientar essa “sociedade curtidora de boites, restaurantes, bares de esquina e bate-papo não cultural, *desprezível*.”<sup>37</sup> o partido não é o fim, mas o meio!

A necessidade de criar tal Ala Jovem vem justamente da constatação, por parte daqueles que fazem o *Inovação*, do baixo nível cultural e comportamental da sociedade parnaibana e, sobretudo, da juventude desta urbe. A tática dos articulistas era, a cada edição, reforçar, ou mesmo criar, a ideia de que a juventude parnaibana precisava de um direcionamento no sentido de melhorar sua postura comportamental. E para que este objetivo fosse alcançado, lançavam como proposta a criação de um partido juvenil que orientasse as ações daquela. É justamente essa escrita que denunciava a falta de cultura, a falta de espaço para enriquecimento desta cultura e afirmava que a sociedade parnaibana necessitava melhorar suas ações de cunho comportamental. Tentava também acabar com a “mentalidade medieval”<sup>38</sup> dos parnaibanos,

<sup>35</sup> INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977.

<sup>36</sup> Idem, p. 01.

<sup>37</sup> Idem, p. 01. (Grifo nosso)

<sup>38</sup> EDITORIAL, *Inovação*, 4ª ed., fev. de 1978, p. 03.

por várias vezes ditando o que deveria ser ouvido ou lido. Campo explícito do que conceituamos de “jornalismo de prescrição comportamental”.

Na inexistência e na impossibilidade de se formar tal partido jovem ligado ao MDB, o jornal *Inovação* era o meio que cumpria a tarefa de direcionar e ditar comportamentos, apontar os principais problemas de ordem política, cultural e social da cidade e também apresentar direcionamentos que levassem a população e a própria cidade a viver dias melhores. E para que o *Inovação* e suas ideias pudessem ganhar capilaridade e, conseqüentemente, ampliar sua rede de influência na cidade de Parnaíba, as táticas utilizadas eram as seguintes: em primeiro lugar, criar, nas páginas do *Inovação*, a imagem de que o comportamento do parnaibano era atrasado e interiorano e, no segundo momento, a ideia era tornar o *Inovação* o espaço adequado para conseguir, junto à população, indicar caminhos ou prescrever comportamentos que levassem à resolução deste e de outros tantos problemas de ordem social, política, econômica e cultural.

Os jornalistas que compunham o *Inovação* também buscaram outros meios para seduzir seu público: era possível escrever para seus articulistas e esperar que sua carta fosse veiculada na edição seguinte. Caso desejasse, era possível também ir ao espaço-sede do Movimento Social e Cultural *Inovação* (MSCI)<sup>39</sup> e deixar sua matéria escrita. Se não quisesse escrever para o jornal, mesmo assim o leitor poderia se direcionar ao espaço MSCI e ler os livros disponibilizados, ter informações sobre política, ouvir uma música, participar de um debate... Todos esses atrativos constituíam as táticas dos articulistas para conquistar seu público leitor e quem sabe, seguidores!

A linguagem satírica e mordaz assumida pelos que faziam o *Inovação* também era uma tática de conquista, pois, à juventude, uma linguagem mais “descolada” era deveras atraente. Mas se o leitor desejasse ler um conteúdo mais erudito, com linguagem inscrita dentro da norma culta da Língua Portuguesa, o *Inovação* era o veículo certo. Neste sentido, o jornal era realmente bem pensado, eclético, buscava criar uma linguagem que conseguisse granjear um número cada vez maior de leitores, assinantes e colaboradores; enfim, tudo que pudesse somar ao jornal *Inovação* era bem-vindo. Mas a ideia não era só informar, mas sobretudo formar!

<sup>39</sup> O Movimento Social e Cultural *Inovação* foi o espaço-sede dos jornalistas que compunham o *Inovação* e tinha como objetivo ser um espaço que levasse à juventude atividades de cunho político e cultural. Foi mencionado pela primeira vez na 3ª edição do jornal *Inovação*. Cf.: MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO, *Inovação*, 3ª ed., jan. de 1978, p. 01 e 09.



E, para compreendermos como o *Inovação* criava sua economia escriturística, como ele buscava seu espaço dentro da cidade de Parnaíba e como ele tentava se inserir dentro de uma “ordem discursiva”<sup>40</sup> que ditasse comportamentos, partimos da compreensão de que “[...] o jornalismo é simultaneamente uma forma de conhecermos a realidade e um indiscutível campo de batalha atravessado por interesses políticos e ideológicos.”<sup>41</sup>

Dito de outra forma, os jornalistas que faziam parte do *Inovação*, ao lançarem seu produto midiático no mercado, o criaram a partir de uma linha de pensamento e de um conjunto de ideias as quais tinham interesses prévios sobre a exterioridade que os cercavam. A “*inovação*”, nesse sentido, seria na forma como escrever a notícia e, sobretudo, na forma como moldar comportamentos através das táticas utilizadas para capturar e direcionar as formas de pensar, sentir e agir de seus leitores. Quando escreviam suas matérias, charges, artigos, poesias, tentavam criar, assim, um sujeito político que estivesse interessado em transformar a sociedade, a política e a cultura parnaibana.

É importante pontuarmos que esta pesquisa toma o *Inovação*, além de fonte histórica, muito mais como objeto de estudo. E, nesse sentido, estamos realizando um trabalho que se insere dentro da perspectiva denominada de História Social da Imprensa. Para Denílson Botelho:

O primeiro passo que é preciso dar no campo da pesquisa na área da história da imprensa consiste na necessidade de operar um deslocamento. Frequentemente, os periódicos são a primeira fonte que cogitamos consultar quando definimos um objeto de pesquisa. É consensual que uma das formas mais eficazes de entrar em contato com o passado seja através das páginas da imprensa. Contudo, é possível – e é preciso – fazer da imprensa o objeto da pesquisa, admitindo que além de ser fonte, ela é também um tema a ser investigado, que desafia a argúcia do historiador.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Compreendemos, assim como Foucault, que as instituições modernas se utilizam de um certo número de procedimentos e regras as quais têm por função classificar, ordenar e distribuir discursos que, de certa forma, moldam comportamentos, ditam verdades e geram poder sobre aqueles que o mesmo incide, e o jornalismo faz parte destas instituições ou disciplinas que produzem uma “Ordem discursiva”. Cf.: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

<sup>41</sup> BOTELHO, Denílson. Por uma História Social da Imprensa. In.: NASCIMENTO, Francisco A. do.; SANTOS, Maria L.; MONTE, Regianny L. (org.). *Diluir Fronteiras*. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 14.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 18.

Dessa forma, é preciso atentar para o fato de que o *Inovação* era um produto midiático fruto, em certa medida, da conjuntura na qual estava imerso. Sua escrita espelhava um pouco da realidade a qual pertencia: o período da ditadura militar. Essa preocupação, dos articulistas, em apontar comportamentos que eram indesejados ou que não deveriam ser seguidos pelos jovens parnaibanos, é o indicativo de que, de alguma maneira, o discurso oficial acabou por moldar as formas de percepção do que fosse um comportamento adequado para a juventude dos anos 1970.

Carlos Fico, em texto intitulado “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão.”,<sup>43</sup> analisou o papel da propaganda nos tempos da ditadura e percebeu que elas criaram campanhas de caráter ético-moral e tratavam justamente de temas como o carnaval, o futebol, os heróis nacionais, o respeito aos idosos, a importância do trabalho e, sobretudo, o papel dos jovens na sociedade brasileira. As propagandas criadas pelos militares confluíam para promover a ideia de um país que vivia sob a égide da legalidade e, sobretudo, da moralidade. E para conseguirem este objetivo, as atividades desenvolvidas pela assessoria de comunicação social da ditadura criavam campanhas que buscavam mobilizar a juventude em prol de contribuir para a efetivação do nacional desenvolvimentismo do país; buscavam também promover a coesão familiar, estimular o amor à pátria, dentre outras coisas.

Essa estratégia pôde sim ter contribuído para o entendimento dos articulistas do que fosse o papel da juventude e, de alguma forma, esse pensamento oficial aparece inscrito nas páginas do *Inovação*. E é aqui que iremos apresentar algumas matérias ou táticas utilizadas para ditarem formas de comportamento ou mesmo, prescreverem músicas, filmes ou leituras que deveriam ser ouvidos, assistidos e lidos pela juventude parnaibana. Este aspecto acabava por coincidir com o tipo de comportamento social desejado pelos militares. Isso põe em evidência a contradição do jornal, que neste quesito, mais se aproximava que se distanciava do projeto do governo vigente.<sup>44</sup>

Se na primeira edição do jornal *Inovação* há uma escrita que cria a ideia de que Parnaíba abrigava uma juventude sem valores ou com valores

<sup>43</sup> FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In.: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (org). *O tempo do regime autoritário: Ditadura militar e redemocratização; Quarta República (1964-1985)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

<sup>44</sup> Para uma melhor compreensão da contradição entre os ideais inovadores e conservadores no período da Ditadura civil militar, no Brasil e no Piauí, Cf.: FONTINELES, Claudia Cristina da Silva. *O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

considerados “desprezíveis”,<sup>45</sup> se há, nesta edição de lançamento, a construção da imagem de uma cidade que congregava no seu espaço uma sociedade que era carente de cultura, de comportamento social exemplar, de discussões relativas à política e carente também de espaços onde estes problemas poderiam ser solucionados, é na segunda edição que começam a utilizar uma escrita que principia o que denominamos de “jornalismo de prescrição comportamental”.

Aqui nos referimos à prática de uma escrita que utilizava a palavra no modo verbal que reforça nosso conceito: o verbo inscrito no imperativo! Dessa forma, “LEIA INOVAÇÃO”,<sup>46</sup> assim, grafado em letras garrafais, passou a ser uma constante nas edições seguintes. Podemos, inclusive, afirmar que o uso do verbo no imperativo nas chamadas das matérias, em pequenas notas inscritas no canto das páginas ou mesmo no nome de algumas colunas, foi bastante utilizado nesta segunda edição. São provas disso, além do já citado “Leia Inovação”, os títulos e frases (todos inscritos em letras maiúsculas): “INOVAR E DESENVOLVER A CULTURA, DAR A OPINIÃO COM O ESPÍRITO TRANQUILO, LEIA INOVAÇÃO”,<sup>47</sup> “BEBA SUKITA SABOR DE LARANJA NATURAL”,<sup>48</sup> “SINTA A NECESSIDADE DE AMAR”,<sup>49</sup> “LEIA E ASSINE INOVAÇÃO”,<sup>50</sup> “SE ORIENTE COM O INOVAÇÃO”,<sup>51</sup> “OUÇA”, “LEIA” e “LEIA INOVAÇÃO”.

Ler *Inovação* seria a garantia de que ali, nas páginas desse periódico, a juventude e a população parnaibana como um todo, encontrariam matérias, artigos, poesias, charges e colunas que prescreveriam maneiras de pensar, sentir e agir consideradas adequadas à sociedade como um todo. Sob esta perspectiva, em “Sinta a necessidade de amar”, a colaboradora Ana Alice escrevia: “Meus amigos, vamos deixar de vícios inúteis, isto nos destrói a moral, o meio social onde vivemos... Amigo de IDEAL, só uma pergunta: - Você já leu a Bíblia? - Não! Pois leia. É um livro sensacional.”<sup>52</sup> O “Pois leia” é a prescrição para a leitura de um livro que daria ao indivíduo, em tese, a oportunidade de gozar de uma vida pautada nos ensinamentos de Cristo e, portanto, aquele

<sup>45</sup> INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977.

<sup>46</sup> LEIA INOVAÇÃO, *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 02. (Grifo nosso)

<sup>47</sup> *Inovação*, 2ª edição, jan. de 1978, p. 06. (Grifo nosso)

<sup>48</sup> Idem, p. 06. (Grifo nosso)

<sup>49</sup> Idem, p. 07. (Grifo nosso)

<sup>50</sup> Idem, p. 09. (Grifo nosso)

<sup>51</sup> SE ORIENTE COM O INOVAÇÃO; OUÇA; LEIA e LEIA INOVAÇÃO, foram todas inseridas na última página desta segunda edição. *Inovação*, 2ª edição, jan. de 1978, p. 10.

<sup>52</sup> SINTA A NECESSIDADE DE AMAR, *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 07.

que tivesse acesso a esta leitura, viveria sob os preceitos da moral cristã, significando uma vida longe de “vícios inúteis” que poderiam destruir “a moral”.

Em “Se oriente com o Inovação”, imperativo inserido na última página desse periódico, temos uma gíria (se oriente), com forte apelo juvenil, intituando e dando o “tom” a uma das colunas de maior destaque nesta edição. Na referida coluna, podemos observar um conjunto de cantores e obras literárias sendo “receitadas” como o que deve ser ouvido e lido. Dessa forma, em “Leia”, a prescrição consiste em ler as seguintes obras: “Arquipélago GULAG, de Alexandre Soljenítzyn. É Hora do Mudar, Paulo Brossard. Tieta do Agreste, Jorge Amado. Salgando a Terra, Alencar Furtado. Confesso que Vivi, Pablo Neruda.”<sup>53</sup> Havia também a indicação de uma série de cantores prescritos em “Ouça”: “Sivuca e Rozinha de Valença. Miucha e Antonio Carlos Jobim. Vinícius e Toquinho. Simone. Caetano Velozo (sic) (Bicho). Roberto Carlos (Para os que gostam).”<sup>54</sup>

Dentre os cantores “receitados”, o único que foi exilado, por não estar em consonância com a “moralidade e bons costumes” desejados pelos governos dos militares foi Caetano Veloso. Os demais, não sofreram exílio ou tiveram problemas com a censura instituída pela ditadura. Isto vai ao encontro do que conjecturamos anteriormente acerca do discurso oficial ter, de alguma forma, influenciado o que os articulistas do *Inovação* entendiam por “bons costumes”, e a música e a literatura fazem parte deste universo. Os cantores selecionados, viveram num ano em que a censura foi bastante abrangente. Segundo o historiador Marcelo Ridenti:

Para se ter ideia da abrangência da censura, no ano de 1978 estavam registrados oficialmente 909.157 artistas e 1.073 casas de diversão. Foram proibidos, só naquele ano, 79 peças de teatro, 24 filmes, 462 letras musicais, 40 materiais de publicidade, 1.231 fotografias e cartazes. Apreenderam-se 226.641 exemplares de livros e 9.494 de revistas, entre outros resultados da produtividade do trabalho da Divisão de Censura de Diversões Públicas.<sup>55</sup>

Os números são deveras expressivos, mas os cantores e cantoras apresentadas na lista do *Inovação* eram, na sua maioria, músicos que não tiveram suas letras censuradas ou consideradas subversivas. Ao contrário, podemos

<sup>53</sup> LEIA. *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 10. (sic)

<sup>54</sup> OUÇA. *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 10. (sic)

<sup>55</sup> RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 333.

observar que estes artistas se inseriam dentro de um estilo musical muito apreciado pela elite nacional da época, e pelos militares também. Estamos falando da “Bossa Nova”, da qual faziam parte, entre os prescritos: Sivuca, Rosinha de Valença, Miúcha, Antônio Carlos Jobim, Vinícius de Moraes (o grande expoente desse estilo, por sinal) e Toquinho.

O restante da lista, estavam inseridos em estilos musicais diferentes: Simone na MPB, Roberto Carlos na Jovem Guarda e Caetano na Tropicália. Um detalhe importante e que precisa ser destacado é que Caetano, quando citado, é qualificado como “Bicho”, mas o significado desta palavra pode ter sentidos completamente antagônicos, podendo figurar como descolado e desejado ou, num outro extremo, como subversivo e indesejado.

E por fim, no canto superior direito da última página desta edição, lemos em letras garrafais, o que seria a maior e mais recorrente das prescrições: “LEIA INOVAÇÃO, NÃO ESCONDEMOS A REALIDADE, UM JORNAL SÉRIO, NÃO SÓ PARA AS PESSOAS SÉRIAS, MAS PARA TODOS QUE GOSTAM DE CULTURA – JORNALISMO CLARO.”<sup>56</sup> Nas edições seguintes, esta prática de fazer um “jornalismo de prescrição comportamental” continuou a existir, na tentativa de criar sujeitos politicamente ativos, instruídos de “cultura desejável”, para quem sabe acabar com uma sociedade de “mentalidade medieval e interiorana” de “bate-papo não cultural e desprezível”, podendo, assim, formar uma sociedade de comportamento exemplar, “civilizada”, onde o jovem não “cheire” e a jovem não saia “cheirada”.

## Considerações finais

O jornalismo é uma área do conhecimento que há tempos desperta o interesse do historiador. Num primeiro momento, nosso ofício estava muito mais interessado em tomá-lo como fonte histórica – e continua a fazê-lo; num segundo momento, com mais criticidade, passou a tratá-lo como objeto mesmo do conhecimento histórico. A partir disso, nasce o desejo em descortinar interesses, perceber e analisar o papel de charges, fotografias e imagens, apresentar estratégias e táticas de produção, compreender as linhas editoriais, perceber a disposição e as intenções das diagramações; enfim, investigar “por dentro” as partes que compõem e acabam por dar corporeidade ao que conhecemos como imprensa escrita. Este foi o principal objetivo deste artigo. Aqui, tomamos o jornal *Inovação* para compreendermos as intenções que estavam

<sup>56</sup> LEIA INOVAÇÃO. *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 10.

neste produto midiático e como isso se relacionava com a cidade na qual ele fora produzido: Parnaíba, uma cidade litorânea, distante da capital piauiense.

Notadamente que, quando fizemos uso do *Inovação*, enquanto fonte historiográfica, o objetivo maior era compreender como seus articulistas fizeram uso deste jornal para inserirem seus posicionamentos político-partidários, seus interesses e suas formas de pensar, sentir e agir, revelando muitas vezes, posturas contraditórias em relação ao momento histórico vivido. As análises feitas acerca do material imerso nesse jornal nos possibilitaram identificar a presença do que denominamos aqui de “jornalismo de prescrição comportamental”.

Percebemos que, desde a primeira edição, o *Inovação* tinha uma preocupação muito grande acerca do comportamento juvenil parnaibano, não só o juvenil, mas o da população em geral. Nesta preocupação, descreveram uma imagem de uma cidade cujos habitantes tinham, na sua imensa maioria, uma “mentalidade medieval”, uma “mentalidade interiorana”, uma mentalidade que estaria fora do que acreditavam ser o ideal de comportamento social para que esta urbe pudesse crescer em seus aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais.

Nesse sentido, o *Inovação* toma para si a tarefa de “abrir os olhos” de seus leitores, apontando o que seria um péssimo comportamento e, portanto, indesejável, ao mesmo tempo em que direcionava e prescrevia formas desejáveis de civilidade a serem colocadas em práticas. Investigar as intencionalidades do *Inovação* foi o mote que nos impulsionou a pesquisar suas edições, bem como construir uma análise que estivesse inserida dentro do que compreendemos por História Social da Mídia. Muito ainda há a ser pesquisado, desvendado, investigado e conhecido sobre o jornal *Inovação*, pois o campo da História e Jornalismo é imensamente profícuo; todavia, o caminho já percorrido até aqui contribuiu para entender vários elementos de nossa sociedade e das contribuições e contradições que este veículo comportou em sua história. Esta é a beleza e o desafio da história.

## Referências

BOTELHO, Denílson. Por uma História Social da Imprensa. In.: NASCIMENTO, Francisco A. do.; SANTOS, Maria L.; MONTE, Regianny L. (org.). *Diluir Fronteiras*. Teresina: EDUFPI, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

EDITORIAL, *Inovação*, 4ª ed., fev. de 1978, p. 03.

EDUCAÇÃO COLEGIAL, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 10.

FOLHA DO LITORAL, Ano XVII, nº 1409, 28 ago, 1976, p. 06.

IGARA CLUBE – UM CARNAVAL DETURPADO, *Inovação* (capa), 4ª ed., fev. de 1978, p. 01.

INOVAÇÃO E A ALA JOVEM DO MDB, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 01.

JOVENS PARNAIBANOS, *Inovação*, 1ª ed., dez. de 1977, p. 03.

LEIA INOVAÇÃO, *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 02.

MENDONÇA, Sonia R. de.; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil recente – 1964 – 1992*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO, *Inovação*, 3ª ed., jan. de 1978, p. 01 e 09.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RIBEIRO, Francisco José. Depoimento gentilmente concedido ao pesquisador Sérgio Luiz da Silva Mendes em 12 de julho de 2011.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In.: REIS, Daniel A. (et all). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SINTA A NECESSIDADE DE AMAR, *Inovação*, 2ª ed. Jan. de 1978, p. 07.

Artigo recebido para publicação em 14/02/2022  
Artigo aprovado para publicação em 20/05/2022